

# *Fake news* e cadeias de referência. A desinformação sobre Covid-19 e o projeto de verificação do Facebook

Fake news and chains of reference.  
Covid-19 disinformation and Facebook  
Third-Party Fact-Checking Program

André Lemos<sup>[\*]</sup>  
almlemos@gmail.com

Frederico Oliveira<sup>[\*]</sup>  
freddroliveira@gmail.com

## RESUMO

O Facebook coproduz e distribui conteúdos falsos sendo parte essencial do ecossistema de desinformação sobre a Covid-19. Este artigo analisa 103 checagens sobre a Covid-19 publicadas pelas agências Aos Fatos e Lupa entre 24 de janeiro e 31 de março de 2020. Os 109 conteúdos falsos verificados nesses textos também foram analisados. A partir da ideia de “cadeias de referências”, proposta por Bruno Latour, o artigo relaciona as formas do fazer jornalístico com aquelas do fato científico. O argumento é que as cadeias de desinformação – *fake news* – buscam simular as cadeias de referência do jornalismo, parecendo verdadeiras (modo REF), mas funcionando sob um modo religioso (modo REL). Conteúdos falsos e checagens distinguem-se especificamente pela forma de adesão a esses modos. No caso das *fake news*, as características do Facebook – remoção de metadados de imagens, forma de apresentação de compartilhamentos etc. – corroboram argumentos falsos, sendo eficazes na geração de adesão identitária ao conteúdo inverídico.

**Palavras-chave:** *Fake news*. Checagem de fatos. Cadeias de referência. Facebook. Covid-19.

## ABSTRACT

Facebook co-produces and distributes fake content as an essential part of the Covid-19 disinformation ecosystem. We developed a content analysis of 103 fact-checking stories about the pandemic published by Brazilian news outlets Aos Fatos and Lupa between January 24 and March 31, 2020. In addition, we analyzed 109 fake content posts related to such stories. It relates journalistic procedures and the constitution of the scientific fact, considering the chains of reference, a concept proposed by Bruno Latour. We argue that disinformation chains – fake news – try to simulate journalistic reference chains, mimicking truth (Reference Mode, REF). However, fake news’ references can be understood only considering religion belief (Religion Mode, REL). Results highlights that fake news and fact-checking stories distinguishes themselves by different ways in which they attach believers. Some features of Facebook, as metadata remotion when processing images and sharing options, reinforces fake content. Such process is efficient to promote an identity attachment to the content, even though its references fail when audited.

**Keywords:** Fake news. Fact-checking. Chains of reference. Facebook. Covid-19.

<sup>[\*]</sup> Universidade Federal da Bahia (UFBA). Av. Adhemar de Barros, s/nº – Ondina, Salvador/BA.

## Introdução

**F**ake news (FN) são mensagens falsas que parecem verdadeiras, produzidas intencionalmente para influenciar pessoas e grupos em função de interesses específicos (Lemos e Oliveira, 2020), caracterizadas por sua intencionalidade e grau de facticidade. Podem ser classificadas pela intencionalidade imediata de enganar e o quanto parecem verdadeiras (Tandoc *et al.*, 2017). Um conteúdo falso que simula ser um texto noticioso parece mais factível, justamente por evocar o modo como o jornalismo produz referências. Argumentamos que a intencionalidade está relacionada à rede que é convocada para enganar – as FN seguem formatos que as permitem circular amplamente, apropriam-se dos algoritmos, da homofilia das redes sociais digitais etc. –, enquanto a facticidade se relaciona à sua pretensão factual – o modo como as FN convocam referências para parecerem verdadeiras.

O termo é um oxímoro e seria melhor falarmos de “cadeias de desinformação” (*misinformation chain*). A produção, circulação e consumo de FN envolvem as plataformas de redes sociais que determinam formatos e garantem visibilidade a conteúdos específicos. O Facebook, plataforma aqui analisada, participa da produção e distribuição de publicações falsas sobre a Covid-19, definindo o formato de conteúdos falsos e privilegiando a distribuição de alguns tipos de postagens, ao mesmo tempo em que seleciona quais dessas mensagens serão refutadas por agências de checagem ligadas ao seu projeto de verificação.

A novidade da Covid-19 criou ambiente propício à distribuição de mensagens falsas (ações preventivas, extensão da doença e seu combate - Fonseca e d’Andréa, 2020). Embora epidemias sempre causem pânico midiático (Lee, 2014), o contexto atual de plataformização, dataficação e performatividade algorítmica que hoje caracterizam a cultura digital (Lemos, 2020) é responsável por potencializar a desinformação. As FN circulam mais amplamente que notícias jornalísticas (Vosoughi *et al.*, 2018; Lemos *et al.*, 2020), o que explica sua prevalência em crises como a atual pandemia. Conteúdos falsos proliferam em contextos de incerteza e alta demanda por informação pública (Jang e Kim, 2018).

O argumento central do artigo é que facticidade das FN é simulada como uma cadeia de referências sólida que, sob escrutínio, revela-se falsa. Por isso, entendemos que a facticidade pode ser um operador metodológico para aferir a pretensa veracidade de FN. Conteúdos falsos e checagens não se distinguem pelo modo como convocam as cadeias de referências (rede de rastros documentais que

atestam a veracidade de um evento). Tanto o texto jornalístico quanto as FN sustentam sua argumentação em fontes consultadas, sejam documentos, governo ou testemunhas. Ocorre que os conteúdos falsos, em algumas circunstâncias, manipulam os documentos que os sustentam: é o caso, por exemplo, de *cards* que circularam no WhatsApp em março de 2020, anunciando o início do cadastro para o auxílio emergencial utilizando a marca do governo federal.

Argumentamos que há uma aproximação entre o fazer jornalístico e o científico. O jornalismo fundamenta suas afirmações em um método de apuração, sendo o texto noticioso uma rede de referência que faz menção ao depoimento de testemunhas, a documentos e à metodologia utilizada para coletar a informação (Martine e De Mayer 2019). As FN simulam a notícia jornalística fazendo crer que se baseiam em referências sólidas, como um fato científico, sendo que, na realidade, funcionam na base de um outro modo de referência, o religioso (REL), com a adesão à crença e à fé em quem posta a informação e nos conteúdos que as reforcem. Nossa hipótese é que é possível analisar o sucesso das cadeias de desinformação justamente quando parecem com as cadeias de referência da ciência (REF). Empiricamente, essa discussão será feita identificando como o Facebook interfere na produção e na refutação das FN, na montagem das cadeias de referência, e o processo de checagem das agências, que também utiliza cadeias de referência, nesse caso, auditáveis. A adesão identitária ao conteúdo falso não será objeto de análise empírica nesse artigo. Nosso objetivo é apontar o simulacro das cadeias de referência nas FN como um modo científico (e jornalístico) de produção da verdade.

## Cadeias de referência

“A referência [...] é, antes de tudo, um jeito de fazer com que algo permaneça constante ao longo de uma série de transformações”, explica Latour (2001, p. 74). Em *A Esperança de Pandora*, o autor descreve uma expedição científica na Amazônia brasileira, destacando os instrumentos por meio dos quais os pesquisadores caminham da floresta ao relatório da pesquisa e vice-versa. Latour (2001) aponta cadeias de translações, que transportam os fenômenos por meio de uma sucessão de inscrições, mantendo-os constantes após diversas transformações. Nas relações entre palavras e coisas, a TAR traz como solução a ideia de inscrição. Como explica Callon (2001, p. 62),

*As inscrições são as fotos, mapas, gráficos, diagramas, filmes, gravações acústicas ou elétricas,*

*observações visuais diretas anotadas em um diário de bordo de laboratório, ilustrações, modelos 3-D, espectros de som, imagens de ultrassom ou raios-X organizados e filtrados por meio de técnicas geométricas. Todas essas inscrições são produzidas por instrumentos. O trabalho dos pesquisadores consiste em preparar experimentos para que as entidades que estão estudando possam “escrever” na forma dessas inscrições e, em seguida, combiná-las, compará-las e interpretá-las. Por meio dessas traduções sucessivas, os pesquisadores acabam conseguindo fazer afirmações sobre as entidades em experimentação<sup>[1]</sup>.*

Portanto, é nessa sequência de inscrições e instrumentos de acesso que se dá a referência, que permite ir da floresta ao relato da expedição e vice-versa, por meio de uma “série regulada de transformações, transmutações e translações” (Latour, 2001, p.74). O conhecimento sobre a floresta presente no relatório da expedição resulta de uma série de procedimentos adotados que transporta a floresta ao laboratório. O fenômeno existe nessa cadeia de inscrições e transformações, não em uma oposição entre sujeito e mundo a ser conhecido. A produção do conhecimento depende, aponta Latour (2001), das mediações, dos instrumentos de acesso e inscrições que formam as referências. Assim, o realismo, o relativismo, bem como perspectivas que defendem um hiato entre linguagem e mundo – e a busca incessante por correspondência – ignoram essas mediações, os instrumentos e inscrições por meio dos quais se produz conhecimento.

Latour (2013) critica a visão da ciência que pretende produzir conhecimento sem pagar pelas cadeias de referência. Estas são criadas pelos diversos instrumentos, procedimentos e espaços, adotados para acessar o mundo. Por exemplo, microscópios e telescópios são “fornecedores de acesso”, termo que define bem a ciência. Ela é um tipo particular de verificação que segue regras e procedimentos específicos. Por isso podemos dizer que algo é científico (como dizemos que algo é religioso ou político). As coisas naturais têm um modo de articulação

que lhes são próprios, o modo da reprodução (REP)<sup>[2]</sup>. A ciência tem o seu próprio, o da “referência” (REF)!

Estes equipamentos trazem o que está longe para perto, por meio de cadeias de referência. Não se trata da existência de um “sujeito cognoscente”, de um lado, e da coisa conhecida – *res extensa* – do outro, pois é justamente no entrelaçamento das cadeias de referência que o conhecimento é “instaurado”. Latour (2013) propõe que se abandone a palavra construtivismo ou construção, já tão carregada, e sugere a ideia de “instauração” de Souriau (2009). O artista, o artesão, o prático e o teórico são instauradores de mediações que constituem a realidade.

Para Latour, a noção moderna de ciência é produzida como um tipo de acesso ao mundo, ao mesmo tempo em que se esquece que, para obter este acesso são necessários mediadores, instrumentos (objetos, métodos, folhas de cálculo, conversões...). Na relação entre uma montanha (Mont Aiguille) e o mapa que orienta os exploradores, por exemplo, Latour mostra como o objeto é constantemente desafiado pela inscrição do mapa a partir de cadeias de referência. O explorador encontra-se no interior de uma rede que coloca em associação o monte, o mapa e as balizas. O mapa não é o território (o que seria a perdição total para o explorador), mas um produtor de encadeamentos entre “*res e intelectos*”, permitindo ao usuário ir e vir em segurança pelas cadeias de referências. O espírito conhecedor e a coisa conhecida não são duas extremidades da ação, mas produtos das cadeias de referência.

O modo de referência (REF) é o que caracteriza o fazer da ciência, afirma Latour (2013, capítulo 3), sendo uma forma poderosa de acesso ao mundo pela instauração. Não se pode criticar, argumentando que o conhecimento, como resultado de cadeias de referência, seja falso por ser construído. Ao contrário, ele só é conhecimento pois é construído. A ciência mantém a sua posição de produtora de um tipo de conhecimento por ser constantemente desafiada (possibilidade de “quebra de paradigmas” e não “dogmas”), justamente na análise dessas cadeias de referência.

Parece-nos que a forma de ação do jornalismo é buscar, de forma similar, mas não coincidente (não dizemos que jornalismo é ciência), construir os fatos (as notícias)

[1] Inscriptions are the photos, maps, graphs, diagrams, films, acoustic or electric recordings, direct visual observations noted in a laboratory logbook, illustrations, 3-D models, sound spectrums, ultrasound pictures, or X-rays as arranged and filtered by means of geometric techniques. All these inscriptions are produced by instruments. Researchers’ work consists of setting up experiments so that the entities they are studying can be made ‘to write’ in the form of these inscriptions, and then of combining, comparing, and interpreting them. Through these successive translations researchers end up able to make statements about the entities under experimentation.

[2] Não há espaço aqui para explicar todos os “modos de referência”. Ver Latour (2013).

a partir de cadeias de referência sólidas (os documentos, as fontes, as testemunhas, as imagens...). A qualidade do jornalismo e o seu nível de objetividade pode ser avaliada a partir da extensão das cadeias de referência que o texto jornalístico produz (Martine e De Mayer, 2018). Certamente, a crítica latouriana pode aqui ser aplicada ao jornalismo que cai, frequentemente, no mesmo erro, ao tentar afirmar a neutralidade da informação, apagando as cadeias de referência. Não há o fato lá fora e o jornalista que o mostra, mas uma série de cadeias de referência que deve ser exposta para dar valor à notícia instaurada. Não é à toa, por exemplo, que em um pronunciamento em 07 de janeiro de 2021, o então Ministro da Saúde Eduardo Pazuello cobrava dos jornalistas que eles apenas relatassem os fatos. Ora, ele não reconhece assim as cadeias de referência que constroem o fato e os *bias* envolvidos nas redações.

Portanto, assim como todo evento científico, todo fato jornalístico é instaurado e isso não significa que ele seja falso. É no debate sobre as cadeias de referência que a veracidade do evento pode ser sustentada. Se com determinadas balizas me localizo bem, se não há outras versões fortes dos fatos, um evento pode ser considerado verdadeiro e bem construído. A questão não é a instauração, mas a boa instauração. Tanto a ciência como o jornalismo devem colocar suas cadeias de referência à prova. Uma verdade científica, ou um fato jornalístico, será considerado assim (verdade e fato) se não há argumentos que os contradigam. A verdade é esse enunciado forte baseado em boas cadeias de referência. Ora, é nessa fronteira que atuam as cadeias de desinformação.

As FN são construídas com pretensão factual, ancoradas em falsas cadeias de referências e reforçada não pelo da ciência (REF), mas pelo modo religioso (REL). O modo religioso, afirma Latour (2013), é o do reforço da palavra e da crença originários, por repetição (*re-ligare*, os ritos como volta dos momentos fundadores, do resgate da palavra primeira), em uma determinada forma de criação de mundos. Ele não funciona por cadeias de referência auditáveis no mesmo modo da ciência. Querer provar matematicamente a existência de Deus é confundir modos (REF e REL) e errar na abordagem do modo religioso. Se as FN são baseadas em cadeias falsas, simulando o modo REF, seria fácil evitar os malefícios das FN pois não é complicado apontar os simulacros e os equívocos das referências. Mas como elas não funcionam no modo

REF e sim no modo REL, elas são nocivas<sup>[3]</sup>.

A literatura aponta uma relação entre a crença nas FN e a suspensão do raciocínio analítico, mais comum em conspiracionistas, fundamentalistas religiosos e indivíduos dogmáticos (Bronstein *et al.*, 2019). A confiança em um conteúdo falso depende de crenças prévias e da proximidade com quem os compartilha (Anthony e Moulding, 2019, Correia *et al.*, 2019, Weidner *et al.*, 2020). Quando um conteúdo inverídico é repetido, a percepção de que se trata de uma mensagem factual também cresce (Pennycook *et al.*, 2018, Unkelbach *et al.*, 2019). A materialidade das plataformas, suas bolhas (Bacarella *et al.*, 2018) e cascatas de informação (Reucero e Grunzt, 2019), estimula a crença nas FN.

A forma de circulação nas redes sociais não se dá, portanto, pela razão (sujeito racional que vai verificar uma notícia), mas pela adesão a bolhas e nichos, pela fé naqueles que publicam, reforçando estereótipos e ideologias. As FN são maléficas pois motivadas não por cadeias de referência sólidas, simulam o modo REF, mas atuam no modo REL, no reforço ideológico e identitário mobilizado pela lógica algorítmica das plataformas. Mostramos, a seguir, a montagem dessas cadeias de referência no Facebook e nas agências de checagem.

## Procedimentos metodológicos

O desenho da metodologia contemplou, em um primeiro momento, etapas necessárias para a análise das referências produzidas em conteúdos falsos sobre a Covid-19 e as checagens a eles relacionadas. Desse modo, fizemos a coleta manual de todos os textos de verificação sobre a doença (103) publicados entre janeiro e 31 de março de 2020 pelas agências Aos Fatos e Lupa – 48 e 55 textos, respectivamente. Tal material foi categorizado por meio do Atlas.TI, a fim de se identificar uma tipologia de fontes citadas (oficial, especialista, documental, outros), como foram acessadas (*site*, periódico científico, texto noticioso, outros) e apresentadas (hiperlink, captura de tela etc.). Avaliamos como a fonte contribui para o argumento do texto (se corrobora ou não) e seu uso específico. Ou seja, descrevemos as cadeias de referência da checagem dos fatos.

Paralelamente, analisamos 109 conteúdos falsos relacionados à pandemia, verificados nas checagens supra-

[3] Não se quer valorizar aqui o modo REF, como verdade, e o modo REL, como falso. Todo o trabalho da Enquete (LATOU, 2013) é identificar “condições de felicidade” de cada modo e não os misturar, justamente para evitar julgar um pelo outro. Cada modo tem a sua própria condição de verdade e de verificabilidade.

citadas. Para avaliar essas mensagens criamos uma matriz de análise, que identifica as características das postagens – o conteúdo da mensagem, recursos da plataforma utilizados e as intervenções que a interface de cada rede social faz na postagem. Avaliamos que referências são convocadas – fontes citadas, sua apresentação, tom do discurso, dentre outros. Desse modo, desenvolvemos uma análise descritiva desses conteúdos, que também permite identificar as cadeias de referências por eles convocados.

No entanto, com o andamento da pesquisa, observamos a importância crescente do Facebook: o convênio entre as agências de checagem e a plataforma é o principal fator que levava um conteúdo a ser verificado e a plataforma também define formatos de FN priorizando o desempenho de algumas postagens. Diante disso, adicionamos uma etapa à investigação, voltada à consulta de documentos sobre o projeto de verificação do Facebook, bem como identificação de características da interface e sua intervenção nos conteúdos. Ou seja, como a rede social convoca e aplica as cadeias de referência para checar a veracidade de uma notícia. Foram considerados documentos disponíveis no *Facebook Newsroom* e no Blog do WhatsApp.

A principal limitação dessa pesquisa está relacionada à estratégia de coleta de checagens e conteúdos falsos. Foram escolhidos textos produzidos pelas agências, submetidos à seleção noticiosa dessas redações – noticiabilidade esta que depende fortemente do Facebook. Desse modo, o *corpus* analisado é, de certa forma, resultado da curadoria da plataforma. Acreditamos, no entanto, que além da amostragem ser relevante, a pesquisa permite identificar formas de funcionamento do Facebook, no que concerne à participação na produção, distribuição e refutação dos conteúdos falsos sobre a Covid-19.

## Produção

O Facebook e suas aplicações produzem e formatam os conteúdos falsos. Dentre os 109 conteúdos checados a maioria é formada por textos e imagens - 75 (68,8%)<sup>[4]</sup> – e sem legendas (60, 55,04%). Há um significativo uso de recurso do Facebook que transforma texto inserido pelo usuário em *card*, acrescentando um plano de fundo. Também é possível encontrar postagens que são capturas de tela de publicações realizadas em determinada plataforma, manipuladas, sendo compartilhadas novamente naquela rede social ou em outra - Imagem 01.

Observamos a apresentação de uma mesma “narrativa” em conteúdos distintos (Imagem 02). Isso já foi apontado por Recuero e Gruntz (2019), que conceituam as cascatas de informação. Alguns fatores podem ser indicados: a natureza efêmera das mensagens, o compartilhamento e mixagem das postagens, e uma espécie de “transmissão de autoria”. Mensageiros instantâneos como o WhatsApp apagam os metadados de um conteúdo, de modo que não é possível rastrear seu autor (Oliveira, 2020). A autoria, então, parece ser da última pessoa que encaminhou o conteúdo em uma conversa.

Conteúdos com teor conspiratório ou denunciata parecem ter melhor distribuição nas redes sociais, compondo 47,7% do *corpus* (ou 52 mensagens). Essas postagens indicam informações sem apresentar fontes que as corroborem. Por sua vez, mensagens que parecem jornalísticas ou informativas respondem por 38,53% (ou 42) – ver Tabela 01.

## Referências em conteúdos falsos

Das 109 postagens analisadas, apenas nove (8,25%) indicam algum *link* para conteúdos externos, de modo que suas referências se restringem ao que é expresso nessas mensagens. Três dos nove *links* são maliciosos, tentativas de fraude – falso cadastro para auxílio emergencial, por exemplo. Um *link* encaminha para um *blog*, que hospeda o conteúdo falso; outro, para o *site* do *O Globo*, mas em matéria diferente do que se é afirmado; e, por fim, quatro indicam bancos de patentes – *Justia* (3) e *Google Patents* (1). Tais bases são indicadas em função da patente US10130701B2, um tipo atenuado de coronavírus relacionado à bronquite infecciosa aviária (IBV).

A maior parte dos conteúdos analisados não indica *links*, mas faz referência a outras fontes. Apenas 29 conteúdos (26,60% de 109) não apresentam nenhuma fonte, ainda que, em alguns casos, pareçam informações fundamentadas em dados. Vale apontar que a menção a um documento não garante que as referências produzidas por um conteúdo sejam adequadas. Os tipos de fonte citados nas cadeias de referência das mensagens falsas analisadas são apresentados a seguir:

- **Fontes documentais** trazem, às FN, aparência de verificabilidade: passa-se ao leitor a impressão de que aqueles dados podem ser

[4] Um (0,91%) é composto por texto e áudio, quatro (3,66%) são imagens, 11 (10,09%) são vídeos, 18 (16,51%) são compostos por apenas texto. Apenas cinco (4,58%) foram redigidos em caixa alta.





**Imagem 01.** Postagem no Facebook utiliza recurso que transforma texto em *card*. Na imagem da direita, *tweet* de Rodrigo Constantino é capturado e compartilhado no Facebook.

**Image 01.** Facebook post uses platform resource to create cards. On the right, a print screen of Rodrigo Constantino's tweet is shared in Facebook.

Fonte: captura de tela, 2020

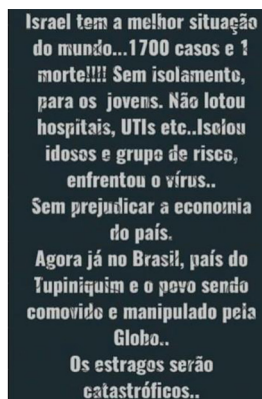
Teor	n	%
Denuncista	46	42,20
Informativo	22	20,18
Jornalístico	17	15,59
Conselhos /Receitas	17	15,59
Conspiratório	6	5,5
Clickbait	3	2,75
Paródia	1	0,91
Outro	1	0,91
Testemunhal	1	0,91
<b>Total</b>	<b>109*</b>	<b>100</b>

\* A soma é maior que 109 (100%), já que alguns conteúdos possuem um teor que não se restringe a um único.

**Tabela 01.** Teor dos conteúdos falsos analisados.

**Table 01.** Fake content tenor.

Fonte: dados da pesquisa, 2021



**Imagem 02.** Postagem no Facebook e WhatsApp trazem versões de conteúdo falso.

**Image 02.** Versions of the same content in Facebook and WhatsApp.

Fonte: captura de tela, 2020

conferidos a qualquer momento. No *corpus*, identifiquei-se 41 postagens que fazem menção a documentos diversos – textos jornalísticos, capturas de tela, áudios, vídeos, dentre outros. É frequente – dentre as 41 postagens, isso se dá em 32 – a apresentação de conteúdos fora de contexto ou para fundamentar ilações – o que chamamos de falsa conexão. Há, ainda, o uso de documentos manipulados – que se dá em oito postagens. Ainda, a atribuição equivocada de autoria, em quatro mensagens<sup>[5]</sup>.

- **Fontes oficiais** são citadas em 11 conteúdos, e não apenas por serem consideradas fontes seguras de informação, mas em um caráter de “torcida”. Aponta-se que uma vacina havia sido desenvolvida – já em março -, ora por Cuba, outrora pelos EUA ou Israel; indica-se que a cloroquina salvou a vida do General Heleno, ou que Israel teve manejo adequado da pandemia. Observamos a atribuição equivocada de autoria (em seis postagens), falsa conexão (se dá quatro vezes) e uso de documentos manipulados (um caso).

- **Fontes religiosas** ou **personalidades** “legitimam” o que dizem, por sua proeminência:

[5] A soma é superior a 100%, já que em alguns conteúdos falsos mais de uma “estratégia” de formação de referências se manifesta.

é o caso de Edir Macedo, apontando que a Covid-19 estaria sendo superestimada e isso se dava por uma obra satânica. Nas cinco mensagens que evocam fontes religiosas ou personalidades, encontra-se atribuição equivocada de autoria em duas e uso de documentos manipulados em uma. Observamos outra dinâmica de produção de referências: quando a fonte de fato divulga informações equivocadas: isso se manifesta duas vezes no *corpus* analisado.

- **Fontes especialistas ou universidades**, por sua *expertise*, são capazes de dar informações qualificadas sobre algo. São convocadas em 12 postagens analisadas, sendo que se atribui equivocadamente a autoria da informação em duas mensagens, indica-se uma falsa conexão em um conteúdo e a fonte erra em outros dois casos. Outra dinâmica foi percebida: ou especialistas são apresentados, mas sem indicação de seu nome ou profissão, ou se indica nome e profissão, não sendo possível saber se, de fato, existem. É o caso de “médico chinês em Wuhan” e da “estudante chinesa de medicina Laila Ahmadi”, que podem não existir. Tal dinâmica, chamada aqui de anonimização da fonte, é encontrada em sete conteúdos.
- A **empíria** é a fonte de três conteúdos falsos analisados, sendo que em todos se

dá uma falsa conexão. Em um vídeo, por exemplo, um homem afirmava que seu cachorro teria sido vacinado contra a doença, demonstrou a bula do medicamento e afirmou existir profilaxia para a Covid-19.

- **Fontes empresariais** são indicadas para garantir que uma informação relacionada a uma empresa específica é verdadeira. Aparecem três vezes no *corpus*, sendo que em todas elas há atribuição equivocada da autoria.

Identificamos tipos de uso inadequado de fontes, sendo: falsa conexão, documentação manipulada, atribuição equivocada de autoria, compartilhamento de informação falsa por fonte e anomização da fonte.

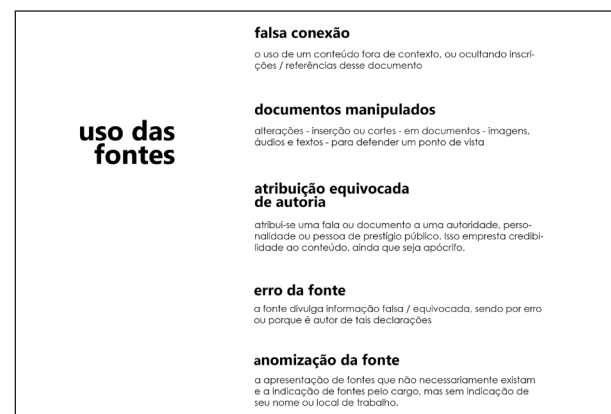
Os dados indicam que as FN buscam produzir cadeias de referência por meio da menção a fontes diversas. No entanto, tais documentos são utilizados de forma inadequada, de modo que não é possível a confrontação da referência com a realidade. A confiança nas FN está mais relacionada à fé no conteúdo e em seu autor do que na extensão das cadeias de referência. As plataformas de redes sociais contribuem para esse processo, permitindo a transmissão da autoria, o recompartilhamento e mixagem das postagens, e garantindo visibilidade a mensagens de usuários específicos.



**Imagem 03.** Fontes convocadas nas cadeias de referência dos conteúdos falsos.

**Image 03.** Sources summoned in fake content reference chains.

Fonte: dados da pesquisa, 2021



**Imagem 04.** Usos equivocados de fontes.

**Image 04.** Source misuses.

Fonte: dados da pesquisa, 2021

## Distribuição e refutação

A literatura sobre FN discute o papel das plataformas na distribuição desses conteúdos, seja pela existência de *bots*, *dark patterns*, algoritmos de relevância pública e filtros-bolha, dentre outros fatores (Bakir e McStay, 2017, Tandoc *et al.*, 2017, Bacarella *et al.*, 2018, Torres *et al.*, 2018, Santaella, 2018, Bovet e Makse, 2019, Xu *et al.*, 2020). Importa considerar a curadoria de conteúdos que é promovida pelas plataformas – como propõem Gillespie (2018a, 2018b), Bucher (2018) e Van Djick e colegas (2018), dentre outros. A literatura também aponta maior eficiência na distribuição de conteúdos falsos (Vossougui *et al.*, 2018; Lemos *et al.*, 2020). A metodologia adotada nesta pesquisa permite vislumbrar aspectos da circulação de FN no Facebook e tipos de conteúdo que têm melhor desempenho. Destacamos, especificamente, o projeto de verificação mantido pela plataforma.

Por meio de acordo com agências de checagem, usuários do Facebook podem indicar conteúdos que acreditam serem falsos. A plataforma encaminha tal postagem a uma das agências, que o verifica. Caso se trate de conteúdo falso, o Facebook insere uma etiqueta (Imagem 04), que demonstra tratar-se de desinformação, e reduz o alcance orgânico da publicação. As agências de checagem, contudo, dizem não ter acesso a dados que apontem o alcance dos conteúdos antes e depois da verificação.

Ao permitir que usuários sinalizem conteúdos que precisam de checagem, o Facebook estabelece uma nova lógica de produção para as agências de checagem, mais alinhada aos interesses da plataforma. O acordo é fonte de financiamento para as organizações jornalísticas e tal assimetria financeira gera constrangimentos editoriais e organizacionais (Jurno e d'Ándrea, 2021).

A plataforma do jornalismo no Facebook tem início em 2014 e envolve dois momentos. Inicialmente, a plataforma se oferecia como infraestrutura para produção jornalística, especialmente por meio do *Instant Articles*. Em 2017, passa a coordenação de atividades jornalísticas, à oferta de treinamentos, à apresentação de infraestruturas para produção e disseminação de notícias (Jurno, 2020). Nesse contexto, as rotinas jornalísticas

são adaptadas para que o conteúdo tenha melhor desempenho na plataforma (Santos *et al.*, 2019). Os critérios de noticiabilidade e a edição noticiosa são moldados pela busca por engajamento (Lischka, 2021).

No projeto de verificação do Facebook, a seleção noticiosa é terceirizada, deixa de ser feita pelas agências de checagem e passa a ser responsabilidade de usuário e plataforma: o Facebook oferece ao usuário a possibilidade de sinalizar que conteúdos deseja que sejam checados e comunica às organizações jornalísticas. Quando as verificações são finalizadas, a plataforma introduz em conteúdos falsos uma etiqueta que permite acessar os textos das agências. É necessário que o conteúdo seja falso para que a plataforma divulgue a verificação, não existindo uma disseminação proativa de checagens.

O convênio entre o Facebook e as agências é o principal fator na seleção de conteúdos falsos sobre a Covid-19 verificados nas checagens analisadas. Dentre os 103 textos, 93 indicam que as checagens compõem o projeto de verificação da plataforma. A quantidade de matérias oriundas de sugestão de leitores por meio do WhatsApp ou do formulário *LupaAqui* é bem menos significativa. O número de vezes que um conteúdo foi compartilhado<sup>[6]</sup> também é um fator considerado na seleção noticiosa, embora não seja possível estabelecer uma relação direta entre tal métrica e a produção de uma checagem.

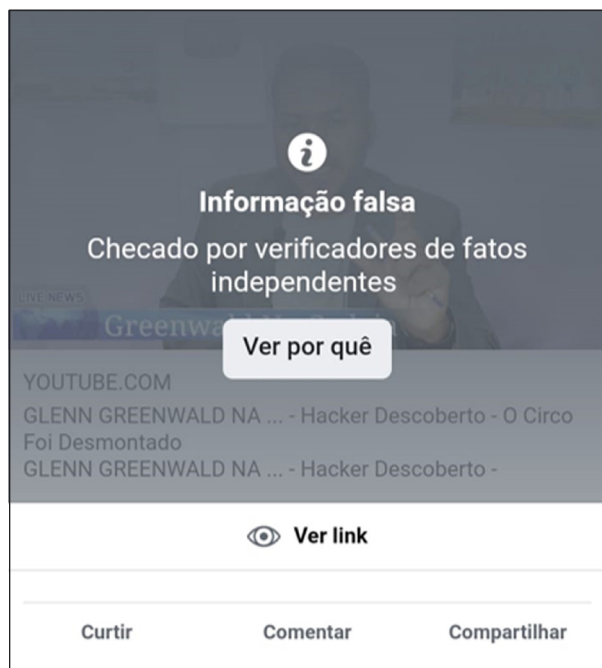
Na Tabela 03, nota-se que, até o momento da redação das matérias, 53,4% dos conteúdos verificados haviam sido compartilhados até 5.000 vezes no Facebook. Nos três meses, a média de compartilhamentos foi de 14.191 (DP: 43.790,47)<sup>[7]</sup>. O elevado desvio padrão indica a disparidade na disseminação das mensagens checadas. Dois fatores influenciam na quantidade de compartilhamentos: a data e sua disseminação por pessoas públicas.

Nas checagens publicadas em janeiro, os conteúdos foram compartilhados 1.997 vezes, em média (DP: 4.882,73), em fevereiro, 45.170 (DP: 123.183,5) e, em março, 12.832 (DP: 25.066,92). A notoriedade de quem publicou uma mensagem também está relacionada a seu compartilhamento: um vídeo postado por Edir Macedo, que diminuía a gravidade da Covid-19, foi disseminado 2.600 vezes até a publicação da matéria. Já *card* publicado

[6] O número de compartilhamentos é aquele indicado pelas agências nos textos. Em 21 textos, não se indica tal número, sendo que 19 são conteúdos sugeridos por leitores pelo WhatsApp ou do LupaAqui.

[7] Nesse cálculo, não consideramos checagem de Luiz Fernando Menezes publicada no Aos Fatos em 23 de março, sobre o suposto cadastro governamental para o “Auxílio-Cidadão”. A matéria checa uma corrente do WhatsApp que continha um *link* para a referida inscrição para o benefício, e diz que tal URL foi aberta 276 mil vezes a partir de dados do *dfndr Lab*. Como o restante das métricas diz respeito ao compartilhamento dos conteúdos no Facebook, optou-se por desconsiderar tal dado.





**Imagem 05.** Etiqueta no Facebook indica que conteúdo é falso.

**Image 05.** Facebook tag denounces fake content.

Fonte: captura de tela, 2020

por Silas Malafaia, que também esvaziava a gravidade da pandemia, teve mais de 10 mil compartilhamentos. Por sua vez, a falsa certidão de óbito publicada por Carla Zambelli foi publicada novamente mais de 15 mil vezes.

Uma análise do número de compartilhamentos permite observar deficiências do projeto do Facebook. Por meio do acordo, a plataforma reduz o alcance orgânico de publicações consideradas falsas pelas agências, não permite que tais postagens sejam promovidas (impulsionadas) e impede páginas que frequentemente compartilham conteúdos falsos de fazerem anúncios. No entanto, casos apontam deficiências: em 30 de janeiro de 2020, a Lupa checkou um vídeo falso que supostamente teria sido gravado no mercado de Wuhan, até então com 170 visualizações. Em 05 de fevereiro, publicou às 16h10 outra verificação, agora de um novo vídeo, já com 711 compartilhamentos (até as 13h daquele dia). Naquele mesmo dia, às 19h40, o Aos Fatos checkou um vídeo semelhante, com mais de 350 mil compartilhamentos até então.

Como as agências não publicam a íntegra do material checkado, mas apenas uma captura de tela, não

Temática	Textos	Facebook	Sugestão por WhatsApp	LupaAqui
Isolamento social	22	20	1	2
Prevenção à COVID-19	20	18	7	1
Dimensão da pandemia	15	14	1	-
Questões políticas	11	10	-	1
Fraudes na pandemia	10	6	4	3
Tratamento	8	8	1	-
Arma biológica	6	6	1	-
Outros	4	4	-	-
Origens do Sars-CoV-2	3	3	-	-
Previsões sobre a doença	2	2	-	-
Sintomas da Covid-19	2	2	-	-
<b>Total geral</b>	<b>103</b>	<b>93*</b>	<b>15*</b>	<b>7*</b>

\* A soma é superior a 103, já que mesmo conteúdos indicados por leitores por meio do WhatsApp ou do LupaAqui foram etiquetados por meio do projeto de verificação do Facebook, como as checagens indicam.

**Tabela 02.** Noticiabilidade de checagens da Aos Fatos e Lupa.

**Table 02.** Newsworthiness in Aos Fatos and Lupa.

Fonte: dados da pesquisa, 2021

podemos dizer que as matérias do dia 05 de fevereiro fazem menção ao mesmo conteúdo, até porque Aos Fatos e Lupa não se citaram, como é praxe quando uma verificou a mesma postagem que outra agência checkara. Podemos afirmar, contudo, que a origem dos conteúdos falsos é a mesma: um vídeo hospedado no YouTube que retrata um *wet market* indonésio. Aparentemente, o projeto de verificação do Facebook não é capaz de identificar variações do mesmo conteúdo falso e permite que este circule, sendo ineficaz contra a hidra da desinformação.

Em 24 de janeiro, a Lupa publicou matéria em que desmentia postagem que dizia que as indústrias farmacêuticas possuem a patente do Sars-CoV-2, com 312 compartilhamentos até então. No dia 28, o Aos Fatos também checka a publicação e uma outra variante, ambas com 15 mil compartilhamentos. Caso semelhante se deu em publicações que afirmam falsamente que a cantora Preta Gil puxou um trio no carnaval já infectada por Covid-19. Na checagem da Lupa (17/03/20, às 19h30), uma das postagens tinha sido compartilhada 1,9 mil vezes, enquanto na do Aos Fatos (19/03/20, às 16h45), 30 mil vezes.

Compartilhamentos	<i>n</i>	%
Até 100 vezes	5	4,85
De 101 e 500 vezes	20	19,42
De 501 a 1.000 vezes	11	10,68
De 1.001 a 10.000	24	23,30
de 1.001 a 5.000	19	18,45
de 5.001 a 10.000	5	4,85
De 10.001 a 50.000	16	15,53
de 10.001 a 20.000	8	7,77
de 20.001 a 30.000	6	5,83
de 30.001 a 50.000	2	1,94
Mais de 50.000	5	4,85
Não informado	22	21,36
<b>Total geral</b>	<b>103</b>	<b>100</b>

**Tabela 03.** Número de compartilhamentos no Facebook dos conteúdos checados.

*Table 03. Number of shares on Facebook.*

Fonte: dados da pesquisa, 2021

Repórter	Total de textos	Textos em coautoria	%
<b>Agência Aos Fatos</b>	<b>48</b>	<b>3</b>	<b>100</b>
Amanda Ribeiro	9	2	18,75*
Ana Rita Cunha	6	1	12,5*
Bruno Fávero	3	1	6,25*
Luiz Fernando Menezes	27	2	56,25*
Priscila Pacheco	3	-	6,25*
Tai Nalon	3	-	6,25*
<b>Agência Lupa</b>	<b>55</b>	<b>-</b>	<b>100</b>
Chico Marés	24	-	43,64
Equipe Lupa	2	-	3,64
Maurício Moraes	15	-	27,27
Nathália Afonso	14	-	25,45

\* Alguns textos são considerados mais de uma vez, em função de serem produzidos em coautoria, o que implica em um *n* maior que 48 (100%).

**Tabela 04.** Número de citações por texto nas checagens da *Aos Fatos* e *Lupa*.

*Table 04. Citation scores in fact-checking stories.*

Fonte: dados da pesquisa, 2021

## Cadeias de Referências na Checagem

Para corroborar a verificação, os jornalistas das agências fazem menção a documentos, entrevistas com especialistas e outras fontes. Cada texto possui, em média, 7,78 citações, ou seja, menciona quase oito vezes fontes que defendem tal argumento – isso não significa que oito fontes diferentes foram consultadas, já que um mesmo documento pode ser apontado mais de uma vez. Quando o conteúdo checado diz respeito à saúde (prevenção à Covid-19, formas de tratamento ou à suposição de que o Sars-CoV-2 é uma arma biológica) mais pesquisas científicas são mencionadas. Em todas as temáticas, destaca-se a menção a fontes jornalísticas. O tipo de fontes consultadas também se modifica de acordo com o mês analisado.

Uma análise quantitativa dessas citações, no entanto, não é suficiente. A construção de uma referência no texto exige considerar: *a)* quem falou; *b)* o que se falou; *c)* de que modo se falou disso; *d)* como isso é utilizado na argumentação; e *e)* como isso é apresentado. É necessário atentar para o modo como essa fonte é convocada, a fim de entender de que forma a cadeia de referência é construída. No jornalismo, as referências são produzidas por meio da consulta a fontes e documentos. Apresenta-se, a seguir, o uso de cada tipo de fonte nas matérias analisadas:

- **Fontes ligadas ao governo (oficiais)** são citadas 177 vezes, apontadas como fontes seguras, sendo que aquilo que dizem – especialmente caso se trate de assuntos técnicos, como notas técnicas produzidas pela Anvisa, por exemplo – não deve ser questionado. A frequência de sua convocação depende do assunto analisado. São as fontes mais consultadas apenas em matérias sobre prevenção à Covid-19, questões políticas, fraudes durante a pandemia, formas de tratamento e “outros” assuntos. Podem ser utilizadas como um prumo que permite identificar equívocos em conteúdos disponíveis on-line. O tipo de entidade convocada também varia a depender da matéria.
- Órgãos internacionais (OMS, OPAS) e nacionais de saúde (Ministério da Saúde, secretarias de saúde dos estados, CDC, dentre outros) aparecem com maior frequência em janeiro e fevereiro. Já secretarias de segurança pública, Ministério da Cidadania e o da Economia, dentre outros, figuram nas matérias publicadas em março. Isso reflete o tema das checagens, a politização da pandemia e uma



**Imagem 06.** Mapa de referências das checagens sobre a Covid-19.

**Image 06.** *References in fact-checking stories about Covid-19.*

Fonte: dados da pesquisa, 2021

possível “estabilização” daquilo que se conhece sobre a relação da Covid-19 com a saúde. Nas checagens sobre o isolamento social, por exemplo, as fontes oficiais foram utilizadas para indicar que a quarentena não implicou em aumento da violência e que Israel também adotou um protocolo de distanciamento social, ao contrário do que diziam conteúdos no WhatsApp. Geralmente, apresenta-se *link* onde a informação apresentada está disponível ou captura de tela de resposta enviada por e-mail pela assessoria do órgão. Contudo, há checagens em que os órgãos oficiais são contatados por telefone ou, até mesmo, por WhatsApp.

- **Fontes especialistas** são citadas 30 vezes nas checagens e atuam realizando análises que ampliam aquilo que é afirmado pelas fontes ligadas ao governo ou a pesquisas científicas. Também são convocadas quando não há unanimidade sobre determinado assunto. No entanto, aparecem mais raramente, somente quando há necessidades específicas, e geralmente são

convocados por e-mail. A fonte especialista é considerada quando os dados oficiais, por si só, não são capazes de garantir a verificação de um conteúdo. Isso pode ser considerado um mau uso, já que especialistas poderiam ser convocadas para analisar as pesquisas científicas citadas nos textos, atualmente interpretadas por jornalistas – a diretora-executiva do Aos Fatos já reconheceu publicamente a dificuldade de trabalhar com fatos científicos<sup>[8]</sup>.

- **Textos jornalísticos** são citados 271 vezes e têm, pelo menos, três usos nos textos: apresentar informações factuais sobre o assunto checado, permitir uma abordagem histórica daquele conteúdo ou realizar uma autorreferência. É uma espécie de *coringa*: quando não há informação oficial consolidada ou consenso científico, citações ao jornalismo são usadas para tentar suprir tal lacuna. Permitem ainda uma referência das agências a seus próprios métodos de checagem e às matérias que já publicaram sobre o assunto. Destaca-se, ainda, que o jornalismo das próprias agências também é fonte quando se realiza *debunking*: os textos que checagem vídeos que supostamente retratavam o mercado úmido onde começou a pandemia têm, como fonte principal, a metodologia de checagem da agência.
- **Pesquisas científicas** são citadas 58 vezes, sendo apresentadas por meio de textos de divulgação de universidades renomadas, bases estatísticas e artigos científicos em revistas como *Lancet*. Não se aponta, contudo, que critérios de seleção levam a esses textos. Também não é um especialista que os interpreta: é o próprio jornalista que lê o artigo e identifica sua adequação ao que está sendo abordado<sup>[9]</sup>. Esse mau uso da pesquisa científica indica uma percepção da ciência como mera fonte do jornalismo: encaixa-se aquilo que cabe na matéria sem, na maior parte das vezes, apresentar-se o método ou as limitações da pesquisa.

[8] Em *webinar* ([https://youtu.be/wz1\\_p\\_Jtr\\_w?t=3351](https://youtu.be/wz1_p_Jtr_w?t=3351)), a diretora-executiva do Aos Fatos, Tai Nalon, destacou a dificuldade da redação em lidar com a informação científica.

[9] Cabe destacar, nesse sentido, o projeto *Lupa na Ciência*, que é desenvolvido pela agência Lupa, tem financiamento de empresas como o Google e busca desenvolver a divulgação de artigos científicos sobre a COVID-19.

Parece que a ciência evita questionamentos às matérias: é um artigo, publicado em revista internacional – não há o que questionar<sup>[10]</sup>.

- **Outras fontes** aparecem 91 vezes, são utilizadas em alguns casos específicos e mencionadas 91 vezes. Em matéria que verificava se Preta Gil se apresentou no carnaval já contaminada com a Covid-19, por exemplo, utilizou-se principalmente o perfil da cantora no Instagram na verificação. Em checagem sobre suposta previsão da pandemia pelo desenho *Os Simpsons*, utilizou-se uma *wiki* sobre a animação e episódios disponíveis no YouTube. A depender da temática discutida, conteúdos os mais diversos são legitimados como fontes e apresentados como provas em algumas checagens.

Ao convocar documentos, o jornalismo busca produzir referências sólidas para construir a veracidade dos fatos e contestar a desinformação. Ressaltamos, no entanto, que ao longo da pandemia, textos jornalísticos passam a ser mais citados do que outras fontes. O jornalismo passa a sustentar sua argumentação a partir de textos noticiosos já publicados, que são fundamentados na consulta a fontes oficiais, pesquisas científicas e outros documentos. Essa verificação tautológica, no entanto, nem sempre garante que as checagens estejam atualizadas e em consonância com as últimas descobertas da ciência.

## Discussão

Considerando os resultados encontrados, observamos dinâmicas relacionadas à produção de cadeias de referência e, também, ao funcionamento do Facebook.

### Cadeias de referência

As FN buscam construir sua suposta facticidade escondendo falsas cadeias de referências. Elas funcionam não na base da racionalidade científica (REF) mas em outro modo, o religioso (REL), de adesão a quem passa a informação. Travestida de modo REF, já que buscam apresentar cadeias de referência como um fato jornalístico

ou científico, as FN, de fato, funcionam no modo REL, religioso, de adesão aos princípios de suas crenças.

Importante considerar que a confiança de usuários de redes sociais em postagens nelas publicadas está relacionada à fonte e/ou quem encaminha tal mensagem (Shafi e Ravikumar, 2018). A proximidade entre o emissor e o receptor de uma publicação amplia seu significado, principalmente porque tal informação pode ser mixada pelos usuários (Farooq, 2018). Outra questão a ser considerada é a influência da plataforma na formação de cadeias de referência de conteúdos falsos: a ‘transferência’ de autoria, as cascatas de informação (Recuero e Gruntz, 2019), a possibilidade de indicar *links*, priorização de determinados *posts*, dentre outros. As FN só parecem verdadeiras porque as plataformas de redes sociais oferecem condições para a formação de referências – que, no caso dos conteúdos falsos, não são auditáveis.

O jornalismo traça cadeias de referência ao contar fatos, embora não seja a mesma forma de montagem das cadeias para os fatos científicos. Há similaridades, mas não são a mesma coisa. A construção de uma referência no texto jornalístico, argumentamos, depende de: a) quem falou; b) o que se falou; c) de que modo se falou isso; e d) como isso é utilizado na argumentação; e e) como isso é apresentado. A análise que desenvolvemos aponta que conteúdos falsos e checagens se distinguem pelo modo como convocam referências. Os resultados indicam que as verificações se pautam por menção a fontes jornalísticas, seguidas de informações oficiais, enquanto textos científicos são pouco citados e interpretados pelos próprios jornalistas. Os conteúdos refutados, por sua vez, fazem menção a diversas fontes documentais, embora as retirem de contexto ou as falsifiquem (documentos são manipulados, atribui-se equivocadamente a autoria, “anonimiza” a fonte para não ser possível rastreá-la). As referências produzidas pelas FN são menos extensas e não auditáveis.

### Dinâmica do Facebook

Quanto ao Facebook, os dados demonstram significativa influência do Facebook tanto na produção de conteúdos falsos como na seleção de quais dessas mensagens serão verificadas. A interface influencia a interação do usuário e isso pode implicar em desinfor-

[10] É possível que isso não seja mais tão verdadeiro, considerando que a retratação da revista *Lancet* pelo artigo sobre os malefícios da hidroxicloroquina, em junho, tem sido apontada em *sites de fake news* com alguma frequência como exemplo da falibilidade e da parcialidade da ciência.



mação, quando o *design* convoca heurísticas inadequadas (Novin e Meyers, 2017). Quando o Facebook apaga os metadados de uma imagem, garante anonimato ao produtor original daquele conteúdo (Arun, 2019) e contribui para que a autoria dessas publicações seja ‘transferida’ ao último perfil que compartilhou tal informação. O elevado número de compartilhamentos de uma postagem, por sua vez, parece endossar as publicações.

Percebemos uma relação entre a notoriedade de quem publica uma informação falsa sobre a Covid-19 e o número de compartilhamentos dessa postagem, dinâmica também existente no Twitter (Gruntz e Mai, 2020). Tais autoridades, demonstraram Machado e colegas (2020), usam sua proeminência em suas redes para polemizar orientações do sistema de peritos (OMS, mídia, dentre outros). Apontamos, no entanto, que a maior parte dos conteúdos checados que compõe o *corpus* foi produzida por usuários sem notoriedade em suas redes. Estudo desenvolvido por Ahmed e colaboradores (2020), que analisa a distribuição de conteúdos que relacionavam a Covid-19 ao 5G no Twitter, demonstrou que os conspiracionistas mais influentes são cidadãos comuns com menos de 500 seguidores.

Tal debate deve considerar, ainda, o vernáculo das plataformas, práticas comunicativas características específicas que resultam das *affordances*, gramáticas de ação, limitações da interface e, também, de ações dos usuários (Gibbs *et al.*, 2015). Os *dark patterns* das redes sociais digitais (Bacarella *et al.*, 2018), a curadoria realizada pelos algoritmos das plataformas (Bucher, 2018, Gillespie, 2018a, 2018b), dentre outros fatores, determinam a *performance* de determinados conteúdos, assim como sua apresentação. Desse modo, não é possível falar na produção e distribuição de conteúdos falsos sem considerar, também, como a própria materialidade das plataformas formata tais mensagens.

## Considerações

O Facebook coproduz conteúdos falsos, determina seu formato, teor e garante anonimização aos autores. Sua interface oferece condições para que conteúdos que nela circulam convoquem ou não referências que as corroborem. O algoritmo de recomendação pública, a interface e ações que ela orienta ao usuário, bem como o modo como imagens e textos são processados após postagem são fatores que determinam a *performance* de um conteúdo específico, que tipo de conteúdo falso será amplamente distribuído e o que será refutado pelas agências de checagem.

Há de se considerar, contudo, que a plataforma

não está sozinha no ecossistema de desinformação sobre a pandemia. Dentre as ações do Facebook para o combate às FN sobre a Covid-19 está o reconhecimento automatizado de postagens relacionadas. É apresentada uma etiqueta, que convida o usuário a acessar o portal do Ministério da Saúde para mais informações sobre a doença.

Deficiências do projeto de verificação da plataforma foram apontadas. A introdução de mecanismos de reconhecimento de conteúdos semelhantes a outros já refutados estancaria, em grande parte, as cascatas de conteúdos falsos. Tal como a Hidra, mensagens falsas sobre o mesmo tema circulam na plataforma, em uma diversidade de textos e formatos. Ainda seria interessante a inserção de recurso que permita rastrear os compartilhamentos de uma postagem, seu autor original e por quais perfis já circulou.

Mostramos como conteúdos falsos e checagens se distinguem pelo modo como convocam as cadeias de referências. As FN fazem menções a documentos adulterados ou inexistentes e apostam na notoriedade de uma fonte. A qualidade de um texto jornalístico, por sua vez, depende da extensão das cadeias de referência que convoca, bem como da possibilidade de auditar tais citações. Faz-se necessário que as plataformas priorizem esses conteúdos, especialmente em tempos de obscuridade e de negação da ciência.

## Referências

- AHMED, W. *et al.* 2020. COVID-19 and the 5G conspiracy theory: social network analysis of Twitter data. *Journal of Medical Internet Research*, **22**(5):1-9.
- ANTHONY, A.; MOULDING, R. 2019. Breaking the news: belief in fake news and conspiracist beliefs. *Australian Journal of Psychology*, **71**:154-162.
- ARUN, C. 2019. On WhatsApp, rumors and lynchings. *Economic & Political Weekly*, **LIV**(6):30-35.
- BACARELLA, C. *et al.* 2018. Social media? It's serious! Understanding the dark side of social media. *European Management Journal*, **36**(4):431-438.
- BAKIR, V.; MCSTAY, A. 2017. Fake news and the economy of emotions. *Digital Journalism*, **6**(2):154-175.
- BOVET, A.; MAKSE, H. A. 2019. Influence of fake news in Twitter during the 2016 US presidential election. *Nature Communications*, **10**(1).
- BRONSTEIN, M. V. *et al.* 2019. Belief in fake news is associated with delusionality, dogmatism, religious fundamentalism, and reduced analytic thinking. *Journal of Applied Research in Memory and Cognition*, **8**:108-117.
- BUCHER, Tania. 2018. *If... then*: algorithmic power and politics. New York: Oxford University Press.

- CALLON, M. 2001. Actor Network-Theory. Smelser, M.J., Baltes, P.B. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*. Amsterdam; New York: Elsevier. 62-66.
- CORREIA, J. C. *et al.* 2019. Fake news: emoção, crença e razão na partilha seletiva em contextos de proximidade. *Brazilian Journalism Research*, **15**(3):626-651.
- FAROOQ, G. 2018. Politics of fake news: how WhatsApp became a potent propaganda tool in India. *Media Watch*, **9**(1):106-117.
- FONSECA, G. A.; D'ANDREA, C. 2020. Governança e mediações algorítmicas da plataforma YouTube durante a pandemia de COVID-19. *Dispositiva*, **9**(16):6-26.
- GIBBS, M. *et al.* 2015. #Funeral and Instagram: death, social media, and platform vernacular. *Information, Communication & Society*, **18**(3):255-268.
- GILLESPIE, Tarleton. 2018a. A relevância dos algoritmos. *Parágrafo*, **6**(1):95-121.
- GILLESPIE, Tarleton. 2018b. *Custodians of the internet*: platforms, content moderation, and the hidden decisions that shape social media. New Haven: Yale University Press.
- GRUZD, A.; MAI, P. 2020. Going viral: how a single tweet spawned a COVID-19 conspiracy theory on Twitter. *Big Data & Society*, 1-9.
- JANG, S. M.; KIM, J. K. 2018. Third-person effects of fake news: fake news regulation and media literacy interventions. *Computers in human behavior*, **80**:295-302.
- JURNO, A.; D'ANDREA, C. 2021. Entre parcerias, infraestruturas e produtos: Facebook Journalism Project e a plataforma do jornalismo. *Brazilian Journalism Research*, **16**(3):502-525.
- JURNO, A. 2020. *Facebook e a plataforma do jornalismo*: uma cartografia das disputas, parcerias e controvérsias entre 2014 e 2019 [tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional da UFMG.
- LATOUR, B. 2001. *A esperança de Pandora*: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: Edusc.
- LATOUR, B. 2013. *An inquiry into modes of existence*: an Anthropology of the Moderns. Cambridge, MS: Harvard University Press.
- LEE, J. D. 2014. *An epidemic of rumors*: how stories shape our perceptions of disease. Logan: Utah State University Press.
- LEMO, A. 2020. Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. *Galáxia*, **43**:54-66.
- LEMO, A. *et al.* 2020. Fake news as fake politics: the digital materialities of YouTube misinformation videos about Brazilian oil spill catastrophe. *Media, Culture & Society*.
- LEMO, A.; OLIVEIRA, F. 2020. Fake news no WhatsApp: um estudo da percepção dos efeitos em terceiros. *Comunicação & Sociedade*, **42**(1):93-227.
- LISCHKA, J. A. 2021. Logics in social media news making: How social media editors marry the Facebook logic with journalistic standards. *Journalism*, **22**(2), 430-447.
- MACHADO, C. C. V. *et al.* 2020. *Ciência contaminada*: analisando o contágio de desinformação sobre o coronavírus via YouTube. Salvador: INCT.DD.
- MARTINE, T.; DE MAYER, J. 2018. Networks of reference: rethinking objectivity theory in journalism. *Communication Theory*, **29**(1):1-23.
- NOVIN, A.; MEYERS, E. M. 2017. Four biases in interface design interactions. *Lecture notes in Computer Science*, 163-173.
- OLIVEIRA, F. Fake news no WhatsApp: relações entre interface e formatos de circulação de conteúdos falsos. In: Encontro Virtual da Abciber, 2020. *Anais do Encontro Virtual da Abciber*, **1**: 1-16.
- PENNYCOOK, G. 2018. Prior exposure increases perceived accuracy of fake news. *Journal of Experimental Psychology*, **147**(12):1865-1880.
- RECUERO, R.; GRUZD, A. 2019. Cascatas de fake news: um estudo de caso do Twitter. *Galáxia*, **41**:31-47.
- SANTAELLA, L. 2018. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri, SP: Estação das Letras e Cores.
- SOURIAU, E. 2009. *Les différents modes d'existence*. Paris: PUF.
- SANTOS, M. A. *et al.* 2019. The virtuous cycle of news sharing on Facebook: Effects of platform affordances and journalistic routines on news sharing. *New Media & Society*, **21**(2):398-418.
- SÃO PAULO. Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. 2020. *Processo Digital nº 1087764-71.2018.8.26.0100*. Procedimento comum cível: indenização por dano moral.
- SHAFI, S.; RAVIKUNAR, M. 2019. Dynamics of fake news dissemination: a case study in the Indian context. *Media Watch*, **9**(1):131-140.
- TANDOC, E. C. *et al.* 2017. Defining "Fake News": a typology of scholarly definitions. *Digital Journalism*, **6**(2):137-153.
- TORRES, R. *et al.* 2018. Combating fake news: an investigation of information verification behaviors on social networking sites. In: Hawaii International Conference on System Sciences, 51, Waikoloa Village, 2018. **Proceedings...** Waikoloa Village, 51.
- UNKELBACH, C. *et al.* 2019. Truth by repetition: explanations and implications. *Current Directions on Psychological Science*, **28**(3):247-253.

- VAN DJICK, José *et al.* 2018. *The platform society: public values in a connective world*. New York: Oxford University Press.
- VOSOGUI, S. *et al.* 2018. The spread of true and false news online. *Science*, **359**(6380):1146-1151.
- WEIDNER, K. *et al.* 2020. Fake news and the willingness to share: a schemer schema and confirmatory bias perspective. *Journal of Product & Brand Management*, **29**(2):180-187.
- XU, K. *et al.* 2020. Detecting fake news over online social media via domain reputations and content understanding. *Tsinghua Science and Technology*, **25**(1)

## Apêndice

	Blog	Facebook	Instagram	Twitter	WhatsApp				YouTube	Não	n	%
	Post	Post	Video	Post	Áudio	Card	Corrente	Video	Link	identificado	total	
Isolamento social	-	18	-	-	2	-	1	2	-	-	22	21,36
Prevenção à COVID-19	4	8	-	1	-	1	1	4	1	-	20	19,42
Dimensão da pandemia	-	10	-	-	-	-	-	-	-	1	15	14,56
Questões políticas	3	7	-	-	1	-	-	-	-	-	11	10,68
Fraudes durante a pandemia	-	3	-	-	-	-	7	-	1	-	10	9,71
Tratamento da COVID-19	1	3	3	1	-	-	-	-	-	-	8	7,77
Vírus como arma biológica	-	4	-	-	-	-	1	-	-	3	6	5,83
Outros	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4	3,88
Origens do Sars-CoV2	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	3	2,91
Previsões sobre a pandemia	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1,94
Sintomas da COVID-19	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1,94
<b>Total</b>	<b>8*</b>	<b>67*</b>		<b>2*</b>			<b>19*</b>		<b>5*</b>	<b>1*</b>	<b>103</b>	<b>100</b>

\* A soma dos conteúdos checados é maior que 103, já que alguns desses conteúdos circularam em mais de uma rede social.

**Tabela 06.** Origem dos conteúdos checados pela *Aos Fatos e Lupa*.

**Table 06.** Source of content verified by *Aos Fatos and Lupa*.

Fonte: dados da pesquisa, 2021

	Até 100 compartilhamentos	Entre 101 e 500 compartilhamentos	Entre 501 e 1.000 compartilhamentos	Entre 1.001 e 10.000 compartilhamentos	Entre 10.001 a 50.000 compartilhamentos	Mais de 50.000 compartilhamentos	Não informado	n total
Isolamento social	1	4	2	8	3	-	4	22
Prevenção à COVID-19	2	3	2	5	1	1	6	20
Dimensão da pandemia	1	2	2	4	2	1	3	15
Questões políticas	1	3	-	2	3	1	1	11
Fraudes durante a pandemia	-	1	-	1	1	-	6**	10
Tratamento da COVID-19	-	-	2	2	2	1	1	8
Vírus como arma biológica	-	3	1	-	2	-	-	6
Outros	-	1	1	1	1	-	-	4
Origens do Sars-CoV2	-	1	1	-	-	1	-	3
Previsões sobre a pandemia	-	1	-	-	1	-	-	2
Sintomas da COVID-19	-	1	-	1	-	-	-	2
<b>Total</b>	<b>5*</b>	<b>20*</b>	<b>11*</b>	<b>24*</b>	<b>16*</b>	<b>5*</b>	<b>21*</b>	<b>103</b>

\*O número de compartilhamentos aqui indicado é aquele apontado nos textos de checagem.

\*\* Uma das checagens informa que 276 mil pessoas acessaram o *link* malicioso.

**Tabela 07.** Número de compartilhamentos por tema.

**Table 07.** Number of shares by theme.

Fonte: dados da pesquisa, 2021

Temática	Oficiais	Outros especialistas	Universidades	Pesquisa científica	Jornalismo	Checagens	Autocitação	Outros	n total	%
Isolamento social	34	-	-	-	45	7	4	21	111	17,7
mar. (22)	34	-	-	-	45	7	4	21	111	17,7
Prevenção à COVID-19	45	17	7	16	16	21	15	-	137	21,85
jan. (3)	13	1	3	1	1	3	3	-	25	3,99
fev. (2)	5	-	-	-	1	3	2	-	11	1,75
mar. (15)	27	16	4	15	14	15	10	-	101	16,11
Dimensão da pandemia	29	4	2	11	35	10	7	6	104	16,59
jan. (3)	2	1	-	-	7	6	2	-	18	2,87
fev.(2)	4	1	-	3	4	1	1	1	15	2,39
mar.(10)	23	2	2	8	24	3	4	5	71	11,32
Questões políticas	23	3	1	-	18	3	1	7	56	8,93
mar.(11)	23	3	1	-	18	3	1	7	56	8,93
Fraudes na pandemia	20	-	-	-	5	5	15	17	62	9,89
mar.(10)	20	-	-	-	5	5	15	17	62	9,89
Tratamento	21	12	1	12	19	4	4	11	84	13,40
mar (8)	21	12	1	12	19	4	4	11	84	13,40
Arma biológica	10	1	-	17	13	7	5	21	74	11,80
jan. (4)	7	-	-	7	7	7	4	20	52	8,29
fev.(1)	-	1	-	10	1	-	1	1	14	2,23
mar.(1)	3	-	-	-	5	-	-	-	8	1,28
Outros	12	1	-	-	2	1	2	7	25	3,99
jan. (2)	5	1	-	-	1	1	2	2	12	1,91
mar.(2)	7	-	-	-	1	-	-	5	13	2,07
Origens do Sars-CoV-2	2	-	-	3	6	8	2	7	28	4,47
jan. (1)	-	-	-	1	-	7	-	2	10	1,59
fev.(2)	2	-	-	2	6	1	2	5	18	2,87
Previsões sobre a doença	-	-	-	-	2	7	-	4	13	2,07
mar.(2)	-	-	-	-	2	7	-	4	13	2,07
Sintomas da Covid-19	2	4	-	1	6	3	1	-	17	2,71
jan. (1)	2	-	-	-	4	1	1	-	8	1,28
mar (1)	-	4	-	1	2	2	-	-	9	1,44
<b>Total geral</b>	<b>177</b>	<b>30</b>	<b>10</b>	<b>48</b>	<b>147</b>	<b>72</b>	<b>52</b>	<b>91</b>	<b>627</b>	<b>100</b>

**Tabela 08.** Fontes citadas nos conteúdos checados pela *Aos Fatos* e *Lupa*.

**Table 08.** Sources in fact-checking texts.

Fonte: dados da pesquisa, 2021